

Rooftoppers

Katherine Rundell nasceu em 1987 e cresceu em África e na Europa. Em 2008, foi eleita *Fellow* de *All Souls College* em Oxford. O seu primeiro livro, *The Girl Savage*, nasceu do seu amor pelo Zimbabué e os anos da infância aí vividos. *Os Vagabundos dos Telhados* inspirou-se nos verões passados a trabalhar em Paris e nos passeios noturnos sobre os telhados dos *Colleges* de Oxford. Atualmente está a fazer o seu doutoramento e a escrever um romance para adultos.

pela mesma autora de

The Girl Savage

Rooftappers

OS VAGABUNDOS DO TELHADO

Katherine Rundell



© Publicado originalmente em Inglês por Faber and Faber Limited, 2013, sob o título: Rooftoppers

Todos os direitos © Katherine Rundell, 2013

Capa © Antigone Konstantinidou

Tradução © 2015, Character Logística, Lda – Obra traduzida sob licença de Rogers, Coleridge & White
Todos os direitos reservados.

Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, electrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização dos editores.

Produtor Editorial: Rogério Freitas
Tradução: Filomena Aguiar de Vasconcelos
Revisão: Maria Basílio
Paginação: Pedro Assalino
Impressão: VASP DPS

1ª Edição: Abril, 2015
ISBN: 978-989-8730-21-3
Depósito legal N.º: 391340/15

www.individual.pt



Para o meu irmão, com amor



Na manhã do seu primeiro aniversário, encontraram um bebê a flutuar num estojo de violoncelo no meio do Canal da Mancha.

Era o único ser vivo no raio de muitas milhas. Só o bebê, umas cadeiras de sala-de-jantar e a extremidade de um barco a desaparecer pelo oceano adentro. Tinha havido música no salão de jantar, e tocara tão alto e tão bem que ninguém se tinha apercebido da água a inundar as carpetes. Os arcos dos violinos continuaram a sua azáfama para lá e para cá ainda por algum tempo, depois de começar o alarido. Por vezes, o grito lancinante de um passageiro fazia um dueto em Dó agudo.

Encontraram o bebê embrulhado, para o aquecer, na partitura musical de uma sinfonia de Beethoven. Tinha vogado à deriva do barco cerca de uma milha, e foi o último a ser salvo. O homem que o içou para dentro do barco salva-vidas era um companheiro de viagem e um académico. A função de um académico é prestar

atenção às coisas. Reparou que era uma menina, com o cabelo da cor do relâmpago e o sorriso de uma pessoa tímida.

Imaginem uma noite que tivesse voz e falasse. Ou imaginem que o luar pudesse falar, ou imaginem a tinta, se a tinta tivesse cordas vocais. Deem a essas coisas um rosto fino e aristocrático de sobrancelhas arqueadas, longos braços e pernas, e foi isso que a criança viu quando a içaram do estojo do violoncelo e a puseram a salvo. O homem chamava-se Charles Maxim e decidiu, ao segurá-la com as suas mãos grandes – à distância dos braços, como se fosse um vaso de flores a verter água – que iria ficar com ela.

O bebê tinha quase de certeza um ano. Souberam-no por causa da roseta vermelha presa à testa onde se lia, “1”!

“Das duas, uma!” disse Charles Maxim. “A criança ou tem um ano ou foi a primeira a chegar à meta numa corrida. Mas raramente os bebês são fortes concorrentes em competições desportivas. Ficamos pela primeira hipótese?”

A menina apertou-lhe a orelha com os dedos sujos. “Feliz aniversário, minha menina!” disse ele.

Charles não lhe deu apenas uma festa de aniversário. Deu-lhe também um nome. Escolheu Sophie, naquele primeiro dia, porque jamais alguém iria opor-se.

“Este dia já foi dramático e extraordinário que chegue.” disse ele. “Talvez seja melhor teres o nome mais simples que houver. Podes ser Mary, Betty, ou Sophie. Ou Mildred, se esticarmos ainda um pouco. A escolha é tua.”

Sophie sorriera quando ele disse “Sophie”. E ficou Sophie. Depois Charles foi buscar o casaco, embrulhou a menina dentro dele, e levou-a para casa de carruagem. Chuviscava, mas não

interessava nada. Era raro Charles prestar atenção ao tempo, e Sophie já tinha sobrevivido a muita água nesse dia.

Charles nunca tinha estado tão de perto com uma criança. E foi-o dizendo a Sophie no caminho para casa: “Acho que compreendo melhor os livros do que as pessoas. É tão fácil darmos com os livros.” O percurso de carruagem demorou quatro horas; Charles sentara Sophie na ponta de um dos joelhos e falou-lhe de si como se a tivesse conhecido durante um chá. Tinha trinta e seis anos e um metro e noventa de altura. Falava inglês com as pessoas, francês com os gatos, e latim com os pássaros. Uma vez quase se matou ao tentar ler e andar a cavalo ao mesmo tempo. “Mas serei mais cuidadoso,” disse ele, “agora que tu existes, menina do violoncelo.” A casa de Charles era muito bonita, mas não segura; havia escadarias por todo o lado, soalhos escorregadios e esquinas pontiagudas. “Vou comprar cadeiras mais pequenas,” disse ele. “E tapetes espessos! Mas... como é que se arranjam tapetes por aí? Não sabes, pois não, Sophie?”

Como era de esperar, Sophie não respondeu. Era muito novinha para falar, e depois, estava a dormir.

Sophie acordou quando entraram numa rua com cheiro a árvores e a estrume de cavalo. Adorou a casa assim que a viu. Os tijolos estavam pintados no branco mais vivo que havia em Londres, e brilhavam até no escuro. A cave era usada para armazenar o excedente de livros e quadros e ainda algumas espécies de aranhas; o telhado era dos pássaros. Charles habitava o espaço intermédio.

Em casa, depois de um banho quente em frente ao fogão, Sophie parecia muito branca e frágil. Charles não sabia que coisa tão aterradora e minúscula era um bebé. Sophie era tão pequenina nos seus braços. Sentiu como que um alívio quando bateram à porta; pousou a menina cuidadosamente sobre uma cadeira, com

uma peça de Shakespeare a servir de assento, e subiu dois a dois os degraus da escada.

Quando voltou, vinha acompanhado de uma mulher grande e grisalha; o *Hamlet* estava ligeiramente húmido e Sophie parecia um tanto comprometida. Charles pegou nela e pousou-a de novo dentro do lava-louça – não sem hesitar antes entre um suporte de guarda-chuvas a um canto e o cimo do fogão. Sorriu, e com ele sorriram também as sobrancelhas e os olhos. “Por favor, não te preocupes,” disse ele. “Todos temos acidentes, Sophie.” Depois, virou-se para a mulher com uma ligeira vénia. “Deixem-me apresentar-vos. Sophie, esta é a Menina Eliot, da Agência Nacional para a Assistência à Infância. Menina Eliot, esta é a Sophie, do oceano”.

A mulher suspirou – uma espécie de suspiro oficial, assim deve ter soado a Sophie de dentro do lava-louça – franziu o sobrolho e tirou roupas limpas de um embrulho. “Dê-ma cá.”

Charles pegou nas roupas. “Eu retirei esta criança do mar, minha senhora”. Sophie observava de olhos bem abertos. “Ela não tem ninguém que a proteja. Quer eu goste quer não, ela é responsabilidade minha”.

“Não para sempre.”

“Desculpe?”

“A criança está sob a sua *tutela*, não é sua filha!”

Era o género de mulher que falava em itálicos. Quase apetecia apostar que o *hobby* dela era organizar pessoas.

“Isto é um acordo temporário.”

“Permita-me discordar.” disse Charles. “Mas podemos

discutir sobre isso mais tarde. A menina está com frio.” Deu um agasalho a Sophie, que o meteu à boca como uma chupeta. Charles tirou-lho das mãos e vestiu-lho. Depois ergueu-a nos braços, como se estivesse a tomar-lhe o peso numa feira, e olhou-a de perto. “Está a ver? Tem ar de ser uma criança muito inteligente!” Os dedos de Sophie eram compridos e finos, muito ágeis. “Os cabelos dela são da cor do relâmpago. Como poderia resistir-lhe?”

“Terei de cá vir novamente, para ver como ela está, e realmente não disponho de muito tempo. *Um homem não pode fazer este género de coisas sozinho.*”

“Claro, venha, por favor,” disse Charles; e acrescentou, como se não pudesse evitá-lo, “se acha que não pode mesmo deixar de vir. Ficar-lhe-ei imensamente grato. Mas esta criança é da minha responsabilidade. Está a compreender?”

“Mas é uma *criança!* O senhor é um *homem!*”

“A senhora tem um poder de observação notável,” disse Charles. “Faz jus ao seu oftalmologista.”

“Mas o que pretende *fazer* com ela?”

Charles parecia confuso. “Vou amá-la. Isso deve bastar, se a poesia que tenho lido servir de alguma orientação.” Charles deu a Sophie uma maçã vermelha; depois voltou a tirar-lha e friccionou-a na manga até ver o reflexo do seu rosto. “Tenho a certeza de que os segredos da assistência à infância, sem dúvida, por mais sombrios e misteriosos, não são impenetráveis.”

Charles sentou a criança no joelho, deu-lhe a maçã para as mãos e começou a ler-lhe em voz alta *Um Sonho de uma Noite de Verão*.

Talvez não fosse a maneira mais perfeita de começar uma

vida nova, mas tinha potencial.



2

Nos escritórios da Agência Nacional para a Assistência à Infância, em Westminster, havia um gabinete; e no gabinete, uma pasta vermelha que dizia: “Tutores: Avaliação de Personalidade”. Dentro da pasta vermelha havia uma azul mais pequena que dizia: “Maxim, Charles”. Lia-se: “C.P. Maxim é livresco, como seria de esperar de um académico: aparenta também ser generoso, desastrado, laborioso. É invulgarmente alto, mas os relatórios médicos sugerem que é saudável. Está teimosamente convencido da sua aptidão para ter a tutela de uma menina.”

Talvez essas coisas sejam contagiosas, porque Sophie cresceu e ficou alta e generosa, livresca e desastrada. Ao fazer sete anos, tinha pernas altas e magras como guarda-chuvas de golfe e uma coleção de certezas inabaláveis.

No dia do seu sétimo aniversário, Charles fez-lhe um bolo de chocolate. Não foi um sucesso absoluto porque tinha abatido

no meio, mas Sophie afirmou lealmente que aquele era o seu bolo favorito. “Porque”, disse ela, “assim fica mais espaço para a cobertura de açúcar. Eu gosto de uma cobertura bem extravagante.”

“Folgo em saber isso!” disse Charles. “Embora eu ache que, habitualmente, a palavra se pronuncie *extravagante*. Feliz provável sétimo aniversário, meu coração. Que tal uma festinha de aniversário à Shakespeare?”

Sophie costumava partir pratos, pelo que tinham estado a comer o bolo de cima da capa de *Um Sonho de Uma Noite de Verão*. Charles limpou o livro à manga e abriu-o a meio. “Queres ler uma fala de Titania?”

Sophie fez uma careta. “Preferia ser Puck.” Ela ensaiou uns versos, mas muito devagar. Esperou que Charles desviasse os olhos; depois deitou o livro ao chão e fez o pino em cima dele.

Charles riu-se. “Bravo!” aplaudiu ele batendo na mesa. “Pareces feita da matéria dos elfos.”

Sophie deixou-se cair sobre a mesa da cozinha, levantou-se, e tentou outra vez o pino contra a porta.

“Fantástico! Estás cada vez melhor, quase perfeita!”

“Só quase?” Sophie estremeceu e olhou-o de lado, de cima abaixo. Dentro das órbitas, os olhos dela começavam a flamejar, mas ela não se mexeu. “As minhas pernas não estão direitas?”

“Quase. O teu joelho esquerdo parece um pouco inseguro. Em todo o caso, ninguém é perfeito. Ninguém, desde Shakespeare.”

Sophie pôs-se a pensar naquilo mais tarde, já na cama. “Ninguém é perfeito”. Charles assim o dissera, mas estava errado. Charles era perfeito. Charles tinha o cabelo da cor do balaústre e olhos com magia lá dentro. Tinha herdado do pai a casa e todas as roupas. Outrora tinham sido peças muito bonitas, umas Savile Row super-requintadas, cem por cento seda; agora eram cinquenta por cento seda, cinquenta por cento buraco. Charles não possuía nenhum instrumento musical mas cantava para ela; e quando Sophie não estava por perto, ele cantava para os pássaros e para os bichos-de-conta que ocasionalmente invadiam a cozinha. A sua voz tinha um timbre perfeito. Soava como se estivesse a voar.

Por vezes, a meio da noite, a sensação do barco a afundar invadia de novo Sophie, e ela sentia que precisava desesperadamente de trepar pelas coisas acima. Trepar era a única coisa que a fazia sentir a salvo. Charles deixava-a dormir em cima do guarda-vestidos e ele dormia no chão por baixo dela, só para prevenir.

Sophie não o compreendia inteiramente. Charles comia pouco, raramente dormia e não sorria tanto quanto as outras pessoas. Mas tinha bondade onde os outros tinham pulmões, e educação nas pontas dos dedos. Se, porventura, ao ler enquanto caminhava, ele ia de encontro ao poste de um candeeiro de rua, pedia desculpa e certificava-se de que o candeeiro não se tinha magoado.

Uma vez por semana, de manhã, a Menina Eliot vinha lá a casa “para resolver problemas”. (Sophie tinha vontade de perguntar “que problemas?” mas depressa aprendeu a ficar calada). A Menina Eliot olhava em volta da casa, que estava a descascar nos cantos e sob as teias de aranhas dentro da despensa vazia, e abanava a cabeça.

“O que é que *comem*?”

Na verdade, a comida era bem mais interessante na casa deles do que nas casas dos amigos de Sophie. Às vezes Charles esquecia-se de comprar carne durante alguns meses. Os pratos limpos parece que se partiam sempre que Sophie estava por perto, e por isso Charles servia batatas assadas num *Atlas* do mundo, aberto sobre o mapa da Hungria. De facto, ele de bom grado viveria de biscoitos e chá, além de whisky, ao deitar. Quando Sophie começou a aprender a ler, Charles guardou o whisky numa garrafa com a etiqueta “urina de gato”, para ela não lhe tocar; mas ela abriu a garrafa e sorveu um pequeno gole; depois cheirou as partes inferiores do gato do vizinho. Não se pareciam nada, mas eram ambos desagradáveis.

“Temos pão,” disse Sophie. “E peixe enlatado.”

“Têm o *quê?*” perguntou a Menina Eliot.

“Eu gosto de peixe enlatado.” disse Sophie. “E temos fiambre.”

“Ai têm? Ainda não vi uma única fatia de fiambre nesta casa.”

“Todos os dias! Ou antes,” Sophie acrescentou, porque era mais honesta do que conveniente, “mais propriamente, às vezes. E queijo. E maçãs. E eu tomo uma caneca inteira de leite ao pequeno-almoço.”

“Mas como é que Charles te *sustenta* dessa maneira? Não acho que isso seja benéfico para uma criança. Não está *certo?*”

Mas eles davam-se muito bem, algo que a Menina Eliot nunca chegou a compreender. Quando a menina Eliot dizia “certo”, pensava Sophie, ela queria dizer “asseado”. Sophie e Charles não viviam asseadamente, mas o asseio, pensava Sophie, não era

essencial para a felicidade.

“Só uma coisa, Menina Eliot,” disse Sophie, “uma coisa: eu não tenho aquele tipo de cara que parece sempre asseada. Charles diz que tenho olhos remelados. Por causa das manchas, está a ver?” A pele de Sophie era extremamente pálida e ficava às manchas com o frio; e ela também não se lembrava de alguma vez ter o cabelo sem nós. Mas Sophie não se importava, porque na memória que tinha da mãe via sempre aquele mesmo cabelo e a mesma pele. E a mãe, ela bem sabia, era linda. A mãe, ela sabia-o bem, tinha cheirado a ar frio e fuligem, e usara calças compridas com remendos nos tornozelos.

As calças eram, de facto, o princípio de todos os problemas. Quando Sophie estava prestes a fazer oito anos, pediu a Charles um par de calças compridas.

“Calças? Não são um tanto inusitadas para uma senhora?”

“Não,” disse Sophie. “Acho que não. A minha mãe usa-as.”

“*Usava*, Sophie, minha filha.”

“*Usa*. Pretas. Mas eu gostava de umas vermelhas.”

“Hmm. Não preferias uma saia?” Ele parecia preocupado.

Sophie fez uma careta. “Não, quero mesmo umas calças. Por favor!”

Não havia nas lojas calças que lhe servissem, só calções cinzentos para rapazes...e, “Ó Céus!” exclamou Charles “pareces uma aula de matemática.” Então Charles costurou ele próprio quatro pares de calças compridas em algodão de cores vivas e deu-lhas embrulhadas em papel de jornal. Um par tinha uma das pernas mais comprida do que a outra. Sophie adorou-as. A Menina

Eliot entrou em choque: é que “As *meninas*,” disse ela, “não usam calças.” Mas Sophie insistia que sim.

“A minha mãe usava calças. Eu sei que usava. Ela dançava de calças compridas, quando tocava violoncelo.”

“Não era possível,” dizia a Menina Eliot. Era sempre a mesma coisa. “As mulheres não tocam violoncelo, Sophie! E tu eras *muito* novinha para te lembrares. Tens de ser mais honesta, Sophie.”

“Mas ela usava. As calças eram pretas, desbotadas nos joelhos. Usava sapatos pretos. Eu lembro-me.”

“Estás a imaginar coisas, minha querida.” A voz da Menina Eliot era como fechar com força uma janela.

“Mas eu juro, *não* estou!”

“Sophie...”

“Não estou!” Sophie não acrescentou “Sua velha bruxa, cara de batata!”, por muito que o desejasse. O problema é que uma pessoa não podia crescer com Charles sem ser cortês até ao tutano. Ser mal-educada era, para Sophie, o mesmo que usar roupa interior suja, mas era difícil ser cortês quando lhe falavam da mãe. Tinham tanta certeza de que ela estava a inventar; e ela estava tão certa de que eles estavam errados.

“Olhos de tinhosa!” murmurou Sophie. “Coruja! Eu *bem* me lembro.” Sentiu-se um pouco melhor.

Na verdade, Sophie lembrava-se muito bem da mãe, clara e nitidamente. Não se lembrava de um pai; mas lembrava-se de um redemoinho de cabelo e de um par de pernas magras cobertas de tecido, a bater o ritmo ao som de uma música maravilhosa; e ela não veria isso se fosse uma saia a cobrir as pernas.

Sophie também se lembrava, com muita clareza, de ver a mãe agarrada a uma porta que flutuava no meio do Canal.

Toda a gente dizia, “Um bebé é muito pequenino para se lembrar.” E diziam, “Lembras-te do que queres que seja verdade.” Sophie já enjoava ouvir tudo aquilo. Mas lembrava-se de ver a mãe acenar a pedir socorro. Ouvira a mãe assobiar. Os assobios são muito característicos. Não importa o que a polícia disse na altura, ela sabia que a mãe não se tinha afundado dentro do barco. Sophie teimava que tinha razão.

Sophie murmurava baixinho no escuro da noite: *A minha mãe ainda está viva, e um dia há-de vir ter comigo.*

“Ela há-de vir ter comigo.” dizia Sophie a Charles.

Charles abanava a cabeça. “Isso é quase impossível, meu coração.”

“*Quase* impossível quer dizer ainda possível.” Sophie tentava pôr-se bem direita e soar como uma adulta; era mais fácil acreditar nas pessoas mais altas. “Dizes sempre, nunca se deve ignorar uma possibilidade.”

“Mas, minha filha, isso é tão profundamente improvável que não vale a pena construir-lhe uma vida em cima. É como tentar

erguer uma casa nas costas de uma libelinha.”

“Ela há-de vir ter comigo.” disse Sophie à Menina Eliot.

A Menina Eliot não tinha rodeios. “A tua mãe está morta. Nenhuma mulher sobreviveu.” disse ela. “Não podes deixar-te levar por isso.”

Por vezes, parecia difícil aos adultos na vida de Sophie distinguir entre “deixar-se levar” e “absolutamente correto mas não credível”. Sophie sentiu um rubor nas faces. “Ela há-de vir,” disse. “Ou vou eu ter com ela.”

“Não, Sophie. O mundo não funciona dessa maneira.” Para a Menina Eliot, Sophie estava completamente errada, mas ela também tinha a certeza que o ponto-de-cruz era *vital* e Charles era *impossível*, o que só provava que os adultos nem sempre tinham razão.

Um dia Sophie encontrou uma lata de tinta vermelha e escreveu o nome do barco, o *Queen Mary*, e a data da tempestade, sobre a parede branca da casa; não fosse a mãe passar por ali.

O rosto de Charles, quando a viu, era demasiado complicado de se ver. Mas ele ajudou-a a chegar ao topo da parede e a lavar os pincéis no fim.

“Um caso,” disse ele à Menina Eliot. “entre outros tantos ‘só em-caso-de...’.”

“Mas ela está...”

“Ela está só a fazer o que eu lhe disse.”

“Disse-lhe para vandalizar a própria casa?”

“Não. Disse-lhe para não ignorar as possibilidades da vida.”